

Kreyòl ayisyen an rive nan inivèsite: pa vwa kèk moun, yon kri de anpil moun

Andréia Inês Hanel Cerezoli*

Roselaine de Lima Cordeiro**

Marckenson Jean***

Resumo

Desde o final do século XX, o termo decolonial e suas variantes morfológicas ocupam os debates acadêmicos. Como conceito científico, reúne diferentes percepções que convergem para o rompimento com os modelos eurocêntricos de sociedade, trabalho, ensino etc. Este trabalho pretende instituir-se como uma prática coerente com a perspectiva decolonial no ambiente universitário ao situar a participação dos discentes haitianos em projetos de extensão universitária. Os resultados revelam que a atuação dos alunos haitianos motiva a presença de outros haitianos seja nas manifestações nos comentários durante os eventos on-line, seja no incentivo à participação em outras atividades acadêmicas. Assim, há práticas decoloniais: (1) na valorização da língua crioula no título de um artigo científico; (2) no reconhecimento da extensão universitária como fazer científico e produção de conhecimento; e (3) na participação dos alunos haitianos como produtores de conhecimento.

Palavras-chave: Universidade; Extensão Universitária; Prática Decolonial; Línguas; Discentes Haitianos.

* Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: hanelandreia@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8563-1826

** Doutoranda e Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Chapecó (UFFS). Licenciada em Letras Português e Espanhol - Licenciatura pela Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Chapecó (UFFS). Especialista em Assessoria Executiva pela Universidade de Passo Fundo (UPF) (MAR. 2010 a DEZ. 2011). Bacharel em Secretariado Executivo pela Universidade de Passo Fundo (UPF) (MAR. 2006 a DEZ. 2009). Atua como Secretária Executiva na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) desde 11/02/2010, atualmente é servidora da Coordenação Acadêmica do Campus Erechim. Já atuou na secretaria da Direção do Campus Erechim e na Procuradoria Educacional Institucional (PI) em Chapecó-SC, setor vinculado à reitoria. Tem experiência em Assessoria Executiva. Temas de pesquisa de atuação e interesse: leitura e mediação de leitura de textos. E-mail: roselainelcordeiro@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7095-6890

*** Graduado em Belas-artes/Educação artística pela Universidade de Estado do Haiti -UEH (2016/2017). Graduando em Arquitetura e Urbanismo à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Mestre em Artes pela Universidade Federal do Ceará (2020), no âmbito do Programa de Alianças para Educação e Formação ? PAEC-OEA/GCUB e do Acordo de Cooperação entre a Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). Professor bolsista do Programa de Línguas da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: marckensonjean04@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5148-4231

Data de submissão: jun. 2022 – Data de aceite: ago. 2022

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v18i2.13743>

Introdução

“A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível.”
(Ailton Krenak)

No início do ano de 2022, o assassinato do congolês Moïse Kabagambe, espancado até a morte no Rio de Janeiro, escancarou a situação de preconceito e exploração em que muitos imigrantes, refugiados ou não, vivem no Brasil. Situações alimentadas pela ficção de superioridade da raça branca, denunciada na epígrafe deste trabalho por Ailton Krenak. E, muito longe de ser uma situação isolada, o caso de Moïse Kabagambe serve de gatilho para mostrar a precariedade da cidadania à grande maioria dos imigrantes no Brasil.

Por outro lado, este trabalho pretende instituir-se como uma prática coerente com a perspectiva decolonial no ambiente universitário ao situar a participação dos discentes haitianos em projetos de extensão universitária.

A publicização deste trabalho pode ser justificada em, no mínimo, três grandes eixos: (1) indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; (2) educação para a cidadania; (3) decolonização da universidade. Na dimensão da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, estudos como os de Furtoso (2015) mostram a impor-

tância da extensão universitária para atender as demandas dos imigrantes quanto às barreiras linguísticas, dado que reforça a importância da publicização dos dados sistematizados das ações de extensão universitária, não raro voltados apenas para atender a burocracia das instituições, reforçando o que Streck (2017, p. 190-191) denuncia

[...] nos falta o hábito do diálogo entre as experiências e as reflexões pedagógicas na América Latina. [...] Essas experiências são um lugar privilegiado para buscar novos *insights* e novas elaborações teóricas.

Já no eixo da educação para cidadania, nos fundamentamos em Streck (2017) ao afirmar que a participação como um processo político-pedagógico, enquanto meio e fim, é um requisito fundamental da cidadania e da democracia. Nessa direção, a participação nos projetos de extensão universitária nos parece possibilitar a cidadania acadêmica dos discentes haitianos.

E, finalmente, na direção de decolonizar a universidade, Castro-Gómes (2007) indica que um dos projetos para superar os padrões da herança colonial do conhecimento é o avanço a um paradigma de universidade transdisciplinar, intrinsecamente ligado a uma universidade transcultural. Nesse paradigma, o autor destaca que o diálogo de saberes não fica limitado à articulação de conhecimentos entre uma disciplina e outra, mas amplia-se até a possibilidade de que

diferentes formas culturais de conhecimento convivam no espaço acadêmico.

O percurso metodológico contempla a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo situar os conceitos teóricos basilares (decolonialidade, participação) que, por sua vez, orientarão as análises dos dados obtidos na pesquisa documental. Nesse sentido, trata-se de uma análise qualitativa. Outro dado metodológico importante consiste nos recortes espaciais e temporais apresentados neste trabalho: a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim representa o recorte espacial; e as ações extensionistas (Programas, projetos e eventos) que contemplam o ensino de línguas ou as vivências linguísticas no Campus Erechim, institucionalizadas após a vigência do Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para Estudantes Haitianos (PROHAITI), de 2013, o recorte temporal. As ações extensionistas voltadas ao ensino de línguas é um recorte metodológico fundamentado em Mignolo (2017, p. 11) ao afirmar que a matriz colonial materializa-se sob uma série de “nós” histórico-estruturais heterogêneos, o pesquisador destaca alguns nós, dos quais evidenciamos

Uma hierarquia linguística, entre as línguas europeias e as não europeias, privilegiava a comunicação e a produção de conhecimento teórico nas línguas europeias e subalternizava as línguas não europeias como apenas produtoras de folclore ou cultura [...] (MIGNOLO, 2017, p. 11).

Na sequência, tratamos sobre cada seção do artigo. A primeira intitulada “A tradição universitária no Brasil e os horizontes decoloniais: da teoria à prática”, que ressalta a extensão como fundamental à perspectiva decolonial; a segunda nomeada como “A participação discente como prática decolonial: da teoria à prática”, na qual evidenciamos a atuação e presença dos discentes, especialmente estudantes haitianos, em atividades de extensão em que eles são os principais atores do processo.

A tradição universitária no Brasil e os horizontes decoloniais: da teoria à prática

Esta seção tem como objetivo situar a extensão universitária, principalmente aquela voltada ao ensino de línguas, como uma prática decolonial, justificando assim a necessidade da publicização dos dados das atividades extensionistas para além dos relatórios internos das instituições, possibilitando uma diversidade de práxis, já que a reflexão parte de uma ação já realizada orientando outras ações, mas sobretudo, produzindo conhecimento científico tal qual as pesquisas universitárias.

Inicialmente, um pequeno pouso acerca do conceito decolonialidade que orienta este trabalho. Assumimos o termo decolonialidade, a partir da definição de Walsh (2018, apud OLIVEIRA; LUCINI

2021) “resistência e recusa”. A resistência, na perspectiva da autora, significa uma luta constante enquanto a recusa direciona-se às colonialidades impostas aos grupos considerados subalternos.

Para Oliveira e Lucini (2021) o termo decolonialidade surge no final do século XX quando um grupo de estudiosos percebe a necessidade de se ter conceitos e categorias próprios para os estudos do colonialismo na América Latina e, semanticamente, engloba: (1) a compreensão de que a colonização não dá conta de um evento acabado, mas de um processo em continuidade sob diferentes formas; e (2) a necessidade de ampliar categorias e conceitos convergentes com a realidade da América Latina.

E, entendendo a decolonialidade como a recusa e a resistência à colonialidade, parece-nos importante situar o significado de colonialidade que, para Mignolo (2017), é a manutenção e a persistência de um processo colonizador amplo, expresso, principalmente, por meio da pobreza e da opressão sofrida pelos colonizados. Conceito teórico materializado no fato do congolês Moïse Kabagambe, já citado na introdução deste trabalho.

Outro sobrevoo, agora amparados no artigo Nº 207 da Constituição Federal de 1988 que estabelece que as universidades brasileiras obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988), destacamos a compreensão de Paula

(2013) ao problematizar a extensão como a última dimensão a ser implantada na rotina universitária brasileira, prevista desde o Decreto Nº 19.851, de 11/4/1931, que estabeleceu as bases do sistema universitário brasileiro.

Para Paula (2013, p. 6), o desafio das universidades em implantar a extensão universitária contempla dificuldades conceituais e práticas, mas principalmente,

[...] o fato de a extensão se colocar questões complexas, seja por suas implicações político-sociais, seja por exigir postura intelectual aberta à inter e à transdisciplinaridade, que valorize o diálogo e a alteridade. (PAULA, 2013, p. 6).

Consideramos coerente a característica transdisciplinar da extensão universitária, e nos sentimos amparados para situar as ações extensionistas como horizontes decoloniais no fazer universitário. Essa compreensão é fortalecida no texto “Decolonizar la universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes” de Castro-Gómez (2007) que afirma

[...] el avance hacia una universidad transdisciplinaria lleva consigo el tránsito hacia una universidad transcultural, en la que diferentes formas culturales de producción de conocimientos puedan convivir sin quedar sometidos a la hegemonía única de la episteme de la ciencia occidental. (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 87).

Em síntese, Castro-Gómez (2007, p. 90) avalia que decolonizar a universidade significa duas coisas:

1. [...] luchar contra la babelización y la departamentalización del conocimiento, firmes aliados de la lógica mercantil, a la cual se ha plegado la ciencia en el actual capitalismo cognitivo. 2. El favorecimiento de la transculturalidad. La universidad debería entablar diálogos y prácticas articuladoras con aquellos conocimientos que fueron excluidos del mapa moderno de las epistemes por haberseles considerado “míticos”, “orgánicos”, “supersticiosos” y “pre-rationales”. Conocimientos que estaban ligados con aquellas poblaciones de Asia, África, y América Latina, que entre los siglos XVI y XIX fueron sometidas al dominio colonial europeo.

Nesse universo, situamos a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e três de seus programas institucionais: Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas (PIN), de 2012, Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para Estudantes Haitianos (PROHAITI), de 2013, e o Programa de Acesso e permanência a estudantes Imigrantes (PRÓ-IMIGRANTE), de 2019.

O PIN foi criado a partir de debate que envolveu as demandas e expectativas das comunidades indígenas da região de abrangência da UFFS. (UFFS, 2022). Instituído pela Resolução N° 33/CONSUNI/UFFS/2013, esse programa se constitui como:

[...] instrumento de promoção de valores democráticos, de respeito à diferença e à diversidade socioeconômica e étnico-racial, mediante a adoção de uma política de ampliação do acesso aos seus cursos de graduação e de pós-graduação [...].

Bem como “[...] de estímulo à cultura, ensino, pesquisa, extensão e perma-

nência na Universidade.” (UFFS, p. 2, 2013a). Para ingresso aos cursos de graduação, via esse programa, o candidato participa de processo seletivo especial com vagas suplementares.

O PROHAITI, instituído pela Resolução N° 32/CONSUNI/UFFS/2013, foi criado em parceria com a Embaixada do Haiti no Brasil e tem como objetivo:

[...] contribuir para integrar os imigrantes haitianos à sociedade local e nacional, por meio do acesso aos cursos de graduação da UFFS, e qualificar profissionais que ao retornar possam contribuir com o desenvolvimento do Haiti. (UFFS, p. 1, 2013b).

Trata-se de um processo seletivo especial em que são ofertadas vagas suplementares nos cursos de graduação da Instituição.

O PRÓ-IMIGRANTE, instituído pela Resolução N° 16/CONSUNI/UFFS/2019, por sua vez,

[...] caracteriza-se por um conjunto de serviços, projetos e ações articuladas com as demais políticas institucionais e acadêmicas que visam ao fortalecimento das condições de acesso, permanência, êxito nas atividades acadêmicas dos estudantes imigrantes da Instituição. (UFFS, 2019).

Tal processo seletivo é feito também por meio de edital específico.

Tais programas criam condições para a implementação de uma universidade transcultural uma vez que permitem o acesso de alunos com diferentes culturas aos espaços acadêmicos, mas como reconhecer e valorizar o conhecimento desses

alunos e, além disso, oportunizar condições para que esses se tornem produtores de conhecimentos é um grande desafio que nos parece sinalizado a partir das ações extensionistas institucionalizadas na UFFS - Campus Erechim.

Um recorte metodológico necessário, dado a quantidade de registros institucionalizados, tomará como objeto de análise as ações extensionistas (Programas, projetos e eventos) que contemplam o ensino de línguas ou as vivências linguísticas no Campus Erechim, percurso desenvolvido na próxima seção.

A participação discente como prática decolonial: da teoria à prática

Esta seção tem como objetivo apresentar as ações extensionistas que, após análise prévia, possam ser caracterizadas como práticas decoloniais, na medida em que permitem vivências transculturais bem como a participação dos discentes haitianos e indígenas como produtores de conhecimento, já que para Nascimento (2019, p. 67) “a presença de indivíduos indígenas nas universidades, na condição de sujeitos produtores de conhecimento, é fenômeno muito recente.”, percepção que pode ser ampliada aos imigrantes haitianos.

Para iniciar esse percurso, parece-nos indispensável conceituar o termo participação e para isso, nos apoiamos em Streck (2017, p. 192) ao problematizar que a pa-

lavra participação tem na sua raiz a ideia de ser parte de ou tomar parte de algo e, na sua concepção, ser parte significa: “a possibilidade de expressar-se junto aos demais, o direito de ser ouvido e, respectivamente, de ouvir os outros; ter condições de acesso aos bens econômicos, sociais e culturais produzidos pela sociedade na qual se vive; exercer o potencial produtivo e criativo [...]”, participação qualificada por Streck (2017) como participação democrática, na esteira de outras qualificações como: participação cidadã, participação crítica, participação popular etc.

É preciso destacar que Streck (2017, p. 193) denuncia

[...] a linha divisória entre participação e manipulação, participação e controle, participação e cooptação, geralmente, é muito tênue e que, no mundo real das relações sociais, a participação democrática se coloca como um processo sob permanente vigilância e autocrítica.

A vigilância e a autocrítica são necessárias, segundo Streck, pois alguns mitos como: (1) a incapacidade das pessoas “comuns” para compreender os problemas e (2) a falta de tempo; corroboram para a prática de uma participação limitada.

Metodologicamente, optamos pela pesquisa documental a partir da definição de Oliveira (2007) que afirma que a pesquisa documental

[...] caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação. (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Sob essa orientação, os objetos analisados foram os relatórios finais das ações extensionistas e, também, as gravações disponíveis no YouTube, uma vez que durante a Pandemia da COVID-19 alguns eventos foram transmitidos via esse suporte e alcançaram outros indígenas e imigrantes haitianos, para além dos discentes da instituição, justificando a presença desses depoimentos como dados desta pesquisa.

Quanto aos relatórios finais das ações extensionistas é preciso indicar que esses não são publicizados o que dificulta a consulta a essas informações, por isso o acesso a esses materiais aconteceu por meio de solicitação interna na IES sob a justificativa desta pesquisa.

A partir do acesso aos relatórios, a análise é de caráter qualitativo orientada por: 1) como as diferentes culturas estavam presentes; 2) como os alunos atuaram no programa; 3) a troca cultural fomentada por essa atuação; e 4) desdobramentos da atuação do bolsista em outros espaços.

O primeiro documento sobre o qual discorreremos é o relatório final (UFFS, 2020) do programa de extensão “Diversidade Linguística: compartilhar saberes para quebrar barreiras”, realizado em 2019, que teve como foco a diversidade linguística. Nele, consta a oferta de cursos de línguas, tais como: crioulo haitiano), espanhol, francês, inglês e Língua Brasileira de Sinais (Libras),

ministrados em sua maioria por estudantes haitianos. De acordo com esse documento (UFFS, 2020), o programa nasce para atender um anseio dos acadêmicos haitianos do Campus Erechim e da equipe que, naquele momento, realizava o acompanhamento pedagógico e a assistência estudantil desses alunos.

Desse modo, observamos como há um despertar dos servidores e dos estudantes para compartilhar esses saberes em diferentes línguas. Vale destacar que essa mesma fonte (UFFS, 2020, grifo nosso) aponta como um dos principais objetivos “Inserir os estudantes estrangeiros na cultura acadêmica e fazer com que sejam vistos e *valorizados em sua cultura e saberes*”. Isso nos permite afirmar como esse programa dá voz e espaço para toda a diversidade linguística presente no campus e fundamenta-se na direção da reflexão de Paulo Freire

Aprender a ler e escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. (FREIRE, 1981, p. 40).

O relatório (UFFS, 2020) também explicita que, diferente de um curso de idiomas que tem toda uma dinâmica própria, esses momentos tiveram mais ênfase no encontro intercultural. Nesse sentido, esse documento destaca a apro-

ximação entre as pessoas, as culturas e a quebra de barreiras em decorrência das diferentes línguas. Sobre isso, além desses aspectos, podemos ressaltar como essas vivências permitem que, pela troca cultural e linguística, haja um estreitamento de laços e o estabelecimento de vínculos que se somam aos construídos no espaço formal da sala de aula nos cursos de graduação em que estes estudantes estão inseridos.

Segundo os dados (UFFS, 2020), crèole e francês foram ministrados exclusivamente por estudantes haitianos; já para espanhol e inglês, uma parte dos ministrantes eram acadêmicos haitianos, enquanto a outra era formada por estudantes brasileiros e servidores; Libras, por sua vez, contou com uma servidora do campus. O planejamento foi organizado em encontros semanais e teve a presença de muitos estudantes dos mais variados cursos de graduação e de pós-graduação (mestrado), de servidores e da comunidade regional.

O relatório indica que a aluna ministrante da vivência em crèole foi também bolsista do programa, selecionada via edital, no qual constava que a bolsa era destinada a estudantes haitianos do campus. Conforme as informações coletadas, esse movimento tinha como objetivo valorizar a presença dos estudantes haitianos e inseri-los na cultura acadêmica. Como bolsista, esta estudante foi responsável por várias atividades como

a logística da organização de todas as vivências e a atuação junto ao programa de modo geral. (UFFS, 2020). Observamos, assim, como essa experiência permitiu um contato maior da bolsista com os setores da universidade e seus servidores, bem como com os estudantes dos demais cursos e com diferentes atores da comunidade regional.

A partir de nosso olhar a esse material final, observamos que, por meio do programa, se deu visibilidade ao crèole (crioulo haitiano), língua até então pouco conhecida da comunidade acadêmica e regional. Além disso, se distribui o foco em várias línguas e não só no inglês que é ofertado com mais frequência nos mais diversos espaços. Ressaltamos sobre isso a importância do acesso da comunidade acadêmica e regional a essas diferentes línguas faladas pelos estudantes haitianos.

Ao encontro disso, vale destacar que, no ano anterior, foi proposto, dentro de um programa de extensão, um projeto que envolveu a língua kaingang. Conforme proposta (UFFS, 2018), dentre os objetivos, buscava-se a construção de espaços de aprendizado e de valorização dos saberes e da cultura dos povos indígenas, especialmente do kaingang [...]. De acordo com o relatório (UFFS, 2019), foram ofertadas oficinas quinzenais por um professor com língua materna em kaingang. Destacamos como esse momento reforça a valorização das diversas

línguas presentes na comunidade acadêmica e como fica em evidência a troca de saberes e a interculturalidade tão necessárias para refletirmos sobre uma política linguística decolonial.

Ainda segundo o relatório do programa de extensão relacionado à diversidade linguística, as ações teriam continuado em 2020. Entretanto, em razão da pandemia da COVID-19, isso não foi possível, tendo em vista as atividades presenciais terem sido suspensas.

Nesse intervalo, o centro de línguas do campus permaneceu atento às possibilidades de desenvolvimento de questões que dessem continuidade a esse movimento de valorização das línguas. Assim, em 2021, foi proposto um projeto de extensão que tinha como objetivo dar visibilidade e maior robustez ao centro de línguas ainda em processo de implementação naquele momento. Tal projeto também teve edital para bolsa e tinha como critério que o bolsista fosse um estudante haitiano.

Conforme o relatório (UFFS, 2022), o bolsista atuou ativamente em todas as atividades do projeto que, em virtude da pandemia, teve sua programação realizada toda de forma on-line via YouTube. Além da logística de confecção de convites, divulgação, dentre outras ações, o bolsista também foi o mestre de cerimônias dos três eventos realizados e em um dos encontros falou sobre a sua língua materna. Ademais, em todos esses momentos,

a saudação de abertura dos eventos era feita pelo bolsista nas mais variadas línguas, tais como: crioulo, espanhol, inglês, dentre outras. Nesse projeto, assim como no programa citado anteriormente, os dados analisados mostram a voz ativa desse estudante que pode participar de discussões acerca de temáticas tão importantes e fundamentais como: Língua(s) de Herança; Bilinguismo e Plurilinguismo; e Língua de Acolhimento.

No relatório do projeto (UFFS, 2022), observamos que todos os eventos contaram, além dos docentes palestrantes, com a participação de estudantes, sendo dois indígenas e dois haitianos, que puderam trazer as suas próprias experiências em tais temáticas. Assim, houve a participação de alunos haitianos, assim como de estudantes indígenas, valorizando a presença e o patrimônio linguístico deles. Isso foi fundamental, pois o objetivo do projeto era colocar em evidência as vozes, as experiências linguísticas e as culturas desses sujeitos que estão diretamente envolvidos com tais discussões. Destacamos que um dos discentes indígenas relatou que nunca havia sido convidado para falar sobre a sua língua materna e que há, nas próprias aldeias, grande resistência dos indígenas para ensinar a língua materna às novas gerações, dado que reforça a afirmação já apresentada aqui de que há uma hierarquia linguística vigente no modelo eurocêntrico de sociedade.

Vale ressaltar que os três eventos indicados no documento final contaram também com a participação ativa da comunidade acadêmica e regional, o que ficou evidenciado tanto no formulário de avaliação dos eventos quanto nos comentários das *lives*, espaço em que apareceram vários elementos fundamentais à nossa reflexão, alguns destacados na sequência.

Ficou enfatizada a necessidade de que sejam realizadas mais atividades dessa natureza e, especialmente, algo voltado à língua indígena. Ao encontro disso, foi pontuado como seria interessante se “falar sobre a diferença linguística do povo Kaingang”, o que nos mostra como é pulsante essa demanda do debate e do movimento de visibilidade às línguas que compõem o nosso espaço institucional e de interação.

Foi apontado, da mesma forma, que a promoção de uma educação pelo plurilinguismo ou plurilinguística tem relação com reconhecer a diversidade linguística do Brasil. Ao encontro disso, apareceu o destaque à diversidade cultural do país. Compreendemos, a partir disso, que língua e cultura andam de mãos dadas. O que, de fato, pudemos verificar na análise dos relatórios e a partir da realidade do campus.

Observamos, ademais, que os participantes haitianos e indígenas, que estavam acompanhando os eventos, se sentiram representados nos relatos

dos acadêmicos haitianos e indígenas, via bate papo do YouTube. Um deles apontou, inclusive, que um dos alunos estava falando “um crioulo mixta [sic] .. com frances [sic]”, olhando, desse modo, a partir do outro, para a sua própria língua.

Nessa esteira, em 2022, o centro de línguas do campus, por meio de edital, fez a seleção de um bolsista para trabalhar a língua portuguesa como língua de acolhimento. Trata-se do primeiro bolsista desse espaço que tem se constituído com esse olhar à decolonialidade, dando visibilidade e protagonismo às diversas línguas e vozes presentes na instituição.

Após atender todos os requisitos do edital, foi selecionado como professor um estudante haitiano que tem trabalhado com turmas de português para haitianos e senegaleses. Divisão essa sugerida pelo grupo de alunos haitianos presente na universidade que, ao ser consultado acerca do formato dos cursos de língua portuguesa como língua de acolhimento, indicou a divisão por nacionalidade como um critério a ser considerado. Assim, para além das paredes da Universidade, pessoas da comunidade regional têm tido a oportunidade de participar desses cursos, podendo aprimorar seus conhecimentos na língua portuguesa, língua em que estão imersas desde sua chegada no Brasil. No relatório parcial, destacamos o desabafo de um dos cursistas “estou salvo, o professor é haitiano”.

É muito significativo para o campus que o primeiro bolsista seja um acadêmico haitiano e que o primeiro curso ofertado pelo centro de línguas seja o português como língua de acolhimento, pois isso demonstra a perspectiva de trabalhar com as mais variadas línguas e com a escuta das diversas vozes tanto da comunidade acadêmica quanto da regional.

Ainda em 2022, foi aprovada a reedição do programa de extensão relacionado à diversidade linguística que permitirá que as vivências em línguas ocorram novamente. Para esse programa, foram selecionados quatro bolsistas que serão os ministrantes e mediadores desses momentos, três deles são estudantes haitianos. Novamente, o objetivo se centra na interculturalidade, na troca de saberes que envolve o linguístico, o cultural e a possibilidade de criação de novos vínculos a partir desse encontro nas vivências em diferentes línguas: creole (crioulo haitiano), francês, inglês e Libras, as duas primeiras ministradas por estudantes haitianos.

Vale ressaltar que o campus não conta com curso de graduação em Letras, desse modo a maneira que se encontrou de dar evidência e lugar às discussões em torno da diversidade linguística foi pela extensão. É por ela que esses programas e projetos têm se concretizado e gerado frutos.

Em síntese, a análise dos relatórios nos permite afirmar que a extensão permitiu institucionalizar a participação dos alunos haitianos e indígenas como protagonistas em diferentes atividades acadêmicas, compartilhando seus saberes e culturas. Além disso, a participação dos alunos na condição de bolsistas remunerados permitiu aos mesmos dedicação total à vida acadêmica, qualificando a formação e elevando o índice de aprovação nas disciplinas cursadas. Outro dado importante presente nos relatórios indica que em todas as ações extensionistas analisadas os alunos bolsistas participaram de outros eventos científicos socializando as experiências dos projetos, o que revela que ao participarem das ações de extensão se sentem encorajados a participar de outros espaços acadêmicos, para além da IES em que estão matriculados.

Quantitativamente, os relatórios indicam que de 2019 a 2022, houve um incremento de alunos haitianos na condição de bolsista nas ações de extensão, quando passou-se de um (1) nos anos de 2019 e 2021, para quatro (4) no ano de 2022. Também houve incremento no número de alunos haitianos inscritos para a atuação como bolsista, o que nos leva a considerar que ao constatarem a atuação dos colegas, encorajam-se para participar desses espaços. Infelizmente, o número de bolsas disponibilizadas é menor que o número de alunos inscri-

tos. Já nas ações de pesquisa e ensino, segundo dados solicitados às respectivas coordenações, ainda não se tem registros de discentes haitianos na condição de bolsistas.

O percurso até aqui realizado indica a extensão universitária como um caminho promissor para a integração das diferentes culturas e dos diferentes saberes na rotina acadêmica, falta, por outro lado, o reconhecimento “acadêmico” do conhecimento científico produzido nas/pelas ações de extensão. Ainda, percebe-se que há um maior envolvimento dos alunos haitianos em relação aos alunos indígenas, o que parece ser um dos limites apresentados na pesquisa. Outro dado importante sinaliza que todas as ações propostas são coordenadas por um pequeno grupo de servidores técnico-administrativos e docentes, o que revela que há poucas pessoas envolvidas nessas ações, logo a ampliação dos docentes e técnicos envolvidos é vital para a consolidação da proposta que acolha as diferentes línguas e os diferentes saberes.

Considerações finais

O percurso até aqui realizado teve como objetivo instituir este trabalho como uma prática coerente com a perspectiva decolonial no ambiente universitário ao situar a participação dos discentes haitianos em projetos de extensão universitária, pois na direção de Paulo

Freire (1981, p. 35) “toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador. Esta postura, em si mesma, implica – às vezes mais, às vezes menos explicitamente – numa concepção dos seres humanos e do mundo.”. E, ao reafirmarmos o caminho realizado, nos parece que concretizamos o objetivo proposto.

A concretização do objetivo pode ser assinalada na direção da percepção de Streck (2017) quando cita a ausência do diálogo entre as experiências e reflexões pedagógicas na América Latina. Assim, ao nos debruçarmos acerca das ações de extensão propostas na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim, sistematizando essas experiências, estamos oportunizando aos leitores deste texto intercâmbios com as práticas realizadas de forma intencional para a consolidação da cidadania acadêmica dos estudantes haitianos.

Por outro lado, criamos condições para que o crioulo haitiano figure no título de um artigo científico, espaço destinado para as línguas que fazem parte da hierarquia linguística na qual o eurocentrismo foi fundamentado e que, para Mignolo (2017, p. 12), “deixa fora do jogo o árabe, o hindu, o russo, o urdu, o aimará, o quíchua, o bambara, o hebraico etc.”, herança colonial que controla a produção científica brasileira.

E, nos apoiando ainda em Mignolo (2017, p. 6) ao denunciar que “nenhum livro sobre a descolonialidade fará dife-

rença, se nós (intelectuais, estudiosos, jornalistas) não seguirmos na vanguarda da sociedade política global emergente (os denominados ‘movimentos sociais’).”, reafirmamos que a extensão universitária pela sua característica transdisciplinar e transcultural é um espaço legítimo de produção de conhecimento científico ao possibilitar a coexistência de diferentes saberes válidos.

Assim, encerramos este trabalho com a esperança, do verbo esperar, de que a voz dos alunos haitianos, ecoada na participação desses discentes nas diferentes ações de extensão da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim, simbolize o grito de muitos outros imigrantes: o grito na sua língua, da sua dignidade, da sua cultura, da sua cidadania, da resistência e da recusa aos modelos que não admitem a coexistência de vários saberes, culturas ou modos de vida.

Creole arrives at the university: in the voice of a few, the cry of many

Abstract

Since the end of the 20th century, the term decolonial and its morphological variants have occupied academic debates. As a scientific concept, it brings together different perceptions that converge to the break with the Eurocentric models of society, work, teaching, etc. This work aims to establish itself as a practice consistent with the de-

colonial perspective in the university environment by situating the participation of Haitian students in university extension projects. The results reveal that the performance of Haitian students motivates the presence of other Haitians either in the manifestations in the comments during the online events or in the encouragement to participate in other academic activities. Thus, there are decolonial practices: (1) in the valorization of the Creole language in the title of a scientific article; (2) in the recognition of university extension as scientific making and knowledge production; and (3) in the participation of Haitian students as knowledge producers.

Keywords: University; University Extension; Decolonial Practice; Languages; Haitian Students.

Referências

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FURTOSO, Viviane Bagio. Onde estamos? Para onde vamos? A pesquisa em português para falantes de outras línguas nas universidades brasileiras. In: LUCAS, Patricia de Oliveira; RODRIGUES, Rosana Ferrareto

Lourenço (org.). *Temas e rumos nas pesquisas em linguística (aplicada): questões empíricas, éticas e práticas*. Campinas: Pontes, 2015, p. 153-195.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. *RBCS - Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, jun. 2017.

NASCIMENTO, André Marques do. Letramentos acadêmicos no espaço da diferença colonial: reflexões sobre trajetórias de estudantes indígenas na pós-graduação. *Raído*, v. 13, n. 33, jul./dez. 2019.

OLIVEIRA, Maria. Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2007

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. *Boletim Historiar*, vol. 08, n. 01, jan.-mar. 2021, p. 97-115.

PAULA, João Antônio de. *A extensão universitária: história, conceito e propostas*. Interfaces - Revista de Extensão, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

STRECK, Danilo Romeu. Descolonizar a participação: pautas para a pedagogia latina. *Educar em Revista*, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 189-202, set. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. [Site da Universidade Federal de Fronteira Sul]. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Conselho Universitário. Resolução Nº 33/CONSUNI/UFFS/2013, de 12/12/2013. Institui o Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas (PIN) da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó: Conselho Universitário, 2013a. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consuni/2013-0033>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Conselho Universitário. Resolução Nº 32/CONSUNI/UFFS/2013, de 12/12/2013. Institui o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI e dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa. Chapecó: Conselho Universitário, 2013b. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consuni/2013-0032>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Conselho Universitário. Resolução Nº 16/CONSUNI/UFFS/2019, de 28/08/2019. Institui o Programa de Acesso e Permanência a Estudantes Imigrantes (PRÓ-IMIGRANTE), no âmbito da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó: Conselho Universitário, 2019. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consuni/2019-0016>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Programa de Extensão *Da leitura do mundo à leitura da palavra na Universidade: arte, línguas e identidade*. Erechim: UFFS, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Relatório do Programa de Extensão *Da leitura do mundo à leitura da palavra na Universidade: arte, línguas e identidade*. Erechim: UFFS, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Relatório do Programa de Extensão *Diversidade Linguística: compartilhar saberes para quebrar barreiras*. Erechim: UFFS, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Relatório do Projeto de Extensão *CeLUFFS Erechim: rumo à implementação*. Erechim: UFFS, 2022.